

OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE COM A COMUNIDADE GUATÓ DA BARRA DO SÃO LOURENÇO (PANTANAL/BRASIL)

GIL PASSOS DE MATTOS¹; JORGE EREMITES DE OLIVEIRA²

¹Universidade Federal de Pelotas – UFPEL – abaporu.gil@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – UFPEL – eremites.br@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O trabalho aqui apresentado trata de um estudo sobre o modo de vida e o patrimônio cultural da comunidade Guató da Barra do São Lourenço. E de como a coleta, processamento e análise de dados dessa natureza podem auxiliar no mapeamento de um território tradicionalmente ocupado. É importante levar em conta, que essa é uma demanda atual da comunidade, que recentemente se organizou politicamente pela luta e afirmação de seus direitos como povo indígena Guató, e por razões essenciais, envolve o direito a demarcação de uma Terra Indígena. Então, no objetivo de poder servir como um instrumento de auxílio a uma futura demarcação ou autodemarcação de terra por parte da comunidade Guató da Barra do São Lourenço, apresentamos as informações a seguir:

O território Guató da Barra do São Lourenço compõem águas e terras do entorno do encontro dos rios Paraguai e São Lourenço, no pantanal profundo, na divisa entre os estados do Mato Grosso do Sul e Mato Grosso.

Os Guató são a última etnia essencialmente canoeira do Pantanal Matogrossense. Relatos históricos de conquistadores ibéricos desde o século XVI já indicavam a existência desse grupo étnico na região. Em áreas adjacentes aos rios Paraguai e São Lourenço, das lagoas Uberaba e Gaíva e na área da atual Ilha Ínsua. O primeiro relato histórico envolvendo o nome Guató foi realizado pelo conquistador Álvaro Núñez Cabeza de Vaca, que entre o fim do ano de 1542 e início de 1543 comandou a expedição castelhana a Laguna De Los Xarayes, primeiro nome atribuído à região pantaneira na cartografia ocidental (EREMITES DE OLIVEIRA, 2002).

Quanto a ocupação do Pantanal, dados arqueológicos confirmam a ocupação da região pantaneira a mais de 8.000 anos atrás (SCHIMITZ et al., 2001). Um teste laboratorial, feito por carbono 14, de restos materiais cerâmicos e de alimentos, colhidos por Eremites de Oliveira e pesquisadores americanos no morro do Caracará, apontam a presença dos Guató na região há pelo menos 1000 anos. Atualmente não se sabe com certeza a quanto tempo esse grupo étnico habita o Pantanal, mas certamente ele é único no presente etnográfico que vive de modo semelhante aos seus ancestrais do passado arqueológico.

2. METODOLOGIA

É utilizado como carro chefe o método etnográfico, também conhecido como observação participante. Se baseia na observação do grupo alvo em seu dia a dia, as informações são obtidas no âmbito da observação, da escuta e da conversa. No entanto, é dado um enfoque etnoarqueológico a investigação etnográfica, com ênfase na materialidade, ou seja, na relação entre as pessoas e as coisas que a cercam. São utilizadas mais estratégias e ferramentas metodológicas a fim de

garantir o objetivo proposto, de mapeamento de um território tradicionalmente ocupado, para isso, também são utilizadas algumas Tecnologias da Informação Espacial (TIEs), como imagens de drone, de satélite, radar, uso de GPS e Sistemas de Informações Geográficas (SIGs), ao que se refere ao armazenamento e processamento de dados georreferenciados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esse trabalho é parte integrante da pesquisa de doutorado em andamento, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da UFPEL e intitulada **“Entre Águas, Terras e Memórias Pantaneiras: Etnoarqueologia do Território da Comunidade Guató da Barra do São Lourenço (Pantanal/Brasil)”**. Até o presente momento, foram realizadas duas campanhas de trabalho de campo, junto à comunidade Guató em estudo, uma em outubro de 2023 e outra no mês de abril de 2024. Nas duas ocasiões se pode observar o dia a dia dos moradores desse coletivo tradicional, homens, mulheres, crianças e jovens e também dos mais idosos, que representam preciosa fonte de informações.

Na primeira de campanha de campo foi realizada visita a cada casa que compõem esse território tradicionalmente ocupado e se pode conversar e conhecer os Guató que ali vivem. Mapeou-se também, além de atuais e antigos locais de moradia, áreas de roça, de pesca, coleta e também alguns locais de sociabilidade, como: escolas, igrejas, campo de futebol, com destaque para a Associação de Mulheres Artesãs da Barra do São Lourenço. Foi nesse trabalho de campo, de outubro de 2023, que a comunidade se mobilizou pela primeira vez no sentido de se reconhecer como povo indígena Guató e partir para a luta por seus direitos garantidos pela Constituição Federal de 1988.

A segunda campanha de campo, ocorrida em abril de 2024, foi dedicada a um trabalho de observação participante com parcela da população Guató da Barra do São Lourenço, mais especificamente, com a população que vive da pesca. Após a realização do primeiro trabalho de campo e sistematização desses dados em gabinete, foi constatado que há uma distribuição espacial em relação a parte da comunidade que vive da pesca, de parte da comunidade que vive da isca. É importante destacar que todos pescam para a subsistência, mas como atividade econômica existe essa divisão.

Ao todo, foram mapeadas 30 famílias no território a maior parte dispostas paralelamente a margem de rio. Duas delas estão situadas na margem esquerda do Rio São Lourenço, já o restante está situada na margem esquerda do Rio Paraguai ou no Aterro do Binenga, situado mais adiante da localidade da Barra do São Lourenço. As famílias que vivem a diante da sede da Associação de Artesãs da Barra do São Lourenço, Rio Paraguai a baixo, é composta por famílias que vivem da isca, já as famílias que vivem a cima da sede da associação, em direção ao encontro com o Rio São Lourenço, dependem economicamente da pesca.

Em boa parte dos casos foi observado que as mulheres auxiliam os homens no trabalho da pesca, além de serem importantes como mão de obra, também garantem uma maior quantidade de varas de pescar ao longo do rio. A pesca é realizada com varas de bambu, dispostas paralelamente a margem do rio, próximas da margem do rio, onde estão os aguapés. Embora a atividade de plantio tenha diminuído após a grande enchente de 1974, documentada etnograficamente, ainda há famílias que plantam, ainda que de maneira mais reduzida. Nessa atividade

também pôde ser observado que o casal atual igualmente na realização de tal atividade.

As crianças e jovens, brincam e estudam, aqueles com idade escolar até o nono ano, já que é até onde é oferecido o ensino na localidade da Barra do São Lourenço. As crianças e jovens também auxiliam nas atividades dos adultos, ajudam a buscar coisas, como água gelada para o tererê, a preparar alimentos, na pesca de iscas e outras atividades comuns. A medida que estão ajudando, estão aprendendo. O uso de celular é restrito as crianças, pois a vontade por parte dos pais que eles possam aprender coisas práticas, que o universo digital não proporciona.

Com os mais velhos se procurou conseguir informações sobre antigos locais de moradia, de trabalho e também de realizar diagramas de parentesco. Nessas conversas foi possível entender o sistema de ocupação do território através de diferentes gerações familiares e como as variações ocasionadas pelo clima sazonal do Pantanal tem influência na mobilidade espacial das famílias Guató.

Ao fim do segundo trabalho de campo, pode se destacar a presença da primeira expedição Guató que ocorreu na Barra do São Lourenço, que contou com a presença de diversos órgãos públicos. Teve a presença da FUNAI, Ministério Público dos estados do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, Secretaria de Agricultura do MS, pesquisadores, Pastoral da Terra, Marinha do Brasil, entre outros. Ocorrida no intuito de auxiliar as famílias Guató na luta por seus direitos como povo indígena, que envolve a luta pela demarcação do território, entre outras demandas da comunidade.

Como resultado, além de uma série de fatos documentados, entrevistas registradas, diagramas de parentesco organizados, foram realizados diversos mapeamentos e consequentemente produção de mapas temáticos, indicando uma série de locais de relevância sociocultural para o grupo e que podem auxiliar na delimitação e legitimação de seu território tradicionalmente ocupado.

4. CONCLUSÕES

Ninguém melhor do que o próprio grupo para indicar seus locais de valor simbólico e de uso tradicional e os limites de seu território tradicionalmente ocupado. Considera-se que o uso do método etnográfico com a observação do modo de vida da comunidade Guató em estudo, com levantamento de suas histórias de vida e de família, locais de uso tradicional, de seu patrimônio cultural, sítios arqueológicos entre outros locais relevantes para o grupo, quando mapeados e colocados num Sistema de Informação Geográfica podem ser muito úteis ao trabalho de delimitação de um território tradicionalmente ocupado. Podendo assim, auxiliar essa comunidade na luta por seus direitos originários.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, M. F. Guató: Povo das águas. In: CHAMORRO, G. & COMBES, I. (org.) Povos Indígenas em Mato Grosso do Sul: História, Cultura e Transformações Sociais. Ed. UFGD, Dourados (MS), p. 199-216, 2015.

EREMITES DE OLIVEIRA, J. Os argonautas Guató: aportes para o conhecimento dos assentamentos e da subsistência dos grupos que se estabeleceram nas áreas

inundáveis do Pantanal Matogrossense. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUC-RGS, 1995.

EREMITES DE OLIVEIRA, Jorge. Da pré-história à história indígena: (re)pensando a arqueologia e os povos canoeiros do Pantanal. Tese de doutorado em História/Arqueologia. Faculdade de filosofia e Ciências Humanas, PUCRGS, Porto Alegre, 2002.

MATTOS, Gil Passos de. Etnoarqueologia Quilombola: materialidade e memória do território da comunidade quilombola Fazenda Cachoeira em Piratini, Rio Grande do Sul, Brasil. Pesquisas – Antropologia, São Leopoldo, 77: 15-200, 2022.

SCHMIDT, Max. Estudos de Etnologia Brasileira: peripécias de uma viagem entre 1900 e 1901. Seus resultados etnológicos. Trad. de C. B. Cannabrava, São Paulo, Companhia Editora Nacional. 1942.

SCHIMITZ et al. Arqueologia do Pantanal do Mato Grosso do Sul - Projeto Corumbá. Tellus, ano 1, n. 1, p. 11-26, Campo Grande, MS, 2001.

SILVA, Denir Marques da. Entrevista realizada em 13 de outubro de 2023. Corumbá, MS, 2023.

SILVA, Fabíola A. Etnoarqueologia: uma perspectiva arqueológica para o estudo da cultura material. Métis: História e Cultura, Caxias do Sul, 8(16):121-139. 2009.